



FOTOS MAURO VIEIRA

Consumidores aglomeram-se em volta dos balaios e araras com descontos na Rua Voluntários da Pátria, no centro de Porto Alegre



Na charmosa Padre Chagas, no bairro Moinhos de Vento, as compras são feitas à sombra das árvores que cobrem a rua

Unidas pelo consumo

Mesmo sob o sol do meio-dia, a sombra árvores e um vento ainda primaveril garantem um clima ameno na Rua Padre Chagas. O leve vestido verde que escancara as tatuagens nas costas da cabeleireira Andrea Santana balança com a brisa. Decidida, a consumidora entra na loja de sapatos esportivos, onde é recebida com um abraço pela vendedora. São velhas conhecidas.

– O meu ex-marido era amigo de infância do marido dela – explica.

– Ex! – corrige a vendedora Aracheine Molarinho.

Em uma loja da Rua Voluntários da Pátria a vendedora oferece ajuda à aposentada Nilza Peixe. A cliente nem repara. Não gosta muito de vendedora que gruda. Prefere remexer sozinha nas araras, andar de comércio em comércio, até achar uma pechincha. Empolga-se ao mostrar que um vestido estilo indiano “que estava R\$ 55 na loja ao lado está por R\$ 25 aqui”. Mas não leva. Precisa achar presentes para as duas filhas, o filho e o neto, Victor, de oito anos.

– Ele quer uns carrinhos Hot Wheels, um (video-game) Playstation 3, que o 2 ele já tem, ou um... Como chama mesmo? Laptop! Ele acha que é só a vó passar o cartão de crédito, mas não dá – conta Nilza.

Laptop é o que as crianças da Voluntários da Pátria mais querem, conta Sérgio Carvalho, que em dezembro é o Papai Noel de uma galeria da rua – no resto do ano é representante comercial, vende “um produto milenar japonês, uma espécie de palmilha boa para varizes, problema de coluna, obesidade, pessoa gorda...” Com a experiência de quem já foi bom velhinho em supermercado de zona rica, ele conta que não tem muita diferença entre os pedidos das crianças de um ou outro lugar.

Andrea busca um tênis para o filho Anmer. Aracheine já sabe o perfil do estudante de 20 anos que curte heavy metal: tem de ser algo básico. Mostra para a amiga-cliente um modelo preto com branco e outro preto com amarelo, de R\$ 149, mais um preto com cinza e vermelho, de R\$ 249.

– Esta é uma linha customizada. São 36 pares feitos de cada na Itália, trabalho quase artesanal – a vendedora justifica o preço mais alto.

– Vou levar este mesmo (o mais caro). Melhor pra mim e para ti – responde Andrea.

– Vamos fazer assim: leva os três para casa e ele decide o que preferir, Déia – propõe Aracheine.

Melhor para Andrea. Na rua, caminha para o lado oposto ao da sorveteria onde duas bolas do sabor tiramissu saem por R\$ 6,25. Sorvete tipo italiano também é estrela na Voluntários da Pátria. Mas o de máquina, listras creme e chocolate ou morango, ser-

vido em cada esquina por R\$ 1. Nilza não entra nessa fila. Serpenteia pelos estandes de um dos shoppings de fábricas pelos reúnem, além de centenas de lojas de confecções, quiosques de celulares, bugigangas eletrônicas, tatuagens, artigos esotéricos e até um de “cabelos e perucas”.

A aposentada concentra-se nas araras. Busca uma blusa para a filha Patrícia, 35 anos, “mas tem de ser com manga, porque ela é mórmon”, e a religião não permite cavada. Depois de ver modelos por R\$ 24,90, encontra semelhantes por R\$ 19,90. Leva dois do mais barato. Fora do shopping, a rua ferve. A multidão produz uma algaravia, entrecortada pelo grito de pregadores. “Compro ouroooo”. “DVD, DVD, DVD, DVD, DVD...” “Vale, vale, vale!”. A gritaria é completada pela moça de cabelos descoloridos, pele torrada e lábios fartos, que, escorada em uma manequim cortada pela cintura, grita, displicentemente:

– Legueiannnnnnnn!

Oferece calças estilo legging por R\$ 20,99. Numa loja da Padre Chagas, esse modelo, mais sofisticado, sai por R\$ 98. Não é o que Ariadne, a filha de 11 anos de Andrea, vai ganhar. Nos planos da mãe para a caçula está um tênis All Star. Na loja que vende sapatos da marca, toca rock ‘n’ roll anos 50. De novo, a cabeleireira é recebida com um abraço pela atendente, Lívia Sorio. Antes de fechar negócio, um telefonema:

– Filha, a mãe está vendendo um All Star pra ti. É prateado, tem meio que um matelassê. Teu pé é 35, né?

– De All Star, 34 – responde a filha..

Depois de entregar o cartão de crédito, Andrea pára um segundo e mira o nada. É cheiro de comida. Risoto!, aposta. Ao passar pelo restaurante com mesas na calçada, gaba-se de ter acertado o menu. Mas segue até a loja de vinhos e especiarias, onde, na vitrina, jaz um pernil de presunto “pata negra” espanhol de quase sete quilos, por R\$ 1,5 mil. Há também opções como um salame por R\$ 32, o quilo.

Ainda assim, mais caro que as lingüiças vendidas na fiabreria da Voluntários. Nilza, no entanto, prefere a rua para roupas e sapatos. Em busca de uma sandália para a filha Patrícia, de 35 anos, a aposentada percorre os caminhos tortuosos do shopping de fábricas até encontrar o quiosque mais barato. Com a certeza de economia, leva por R\$ 35 uma sandália para a caçula gastar nas noites de pagode.

No outro dia, a aposentada ainda voltaria à Voluntários da Pátria, para mais compras. Assim como Andrea voltaria à Padre Chagas, não só para trabalhar, mas também para desfazer uma compra: o filho não quis ganhar tênis e pediu um acessório de informática. Na mais popular ou na mais da badalada rua de Porto Alegre, o comércio de rua ainda pulsa.



Sorvete tipo italiano com dois sabores servido na Voluntários custa R\$ 1



Dois bolas de sorvete de menta e iogurte na Padre Chagas custam R\$ 6,25



Data Publicação : 21/12/2008

Caderno :Dinheiro